



Solenidade de Jesus Cristo, Rei e Senhor do Universo (Ano C)

O texto – Lc 23,35-43

³⁵ O **povo** estava a ver; e os chefes *escarneciam-no*,
dizendo:

«Salvou os outros; *SALVE-SE A SI MESMO*,
se é o **CRISTO DE DEUS**,
O ELEITO».

³⁶ Também os soldados *troçavam* dele, aproximando-se para lhe oferecerem vinagre,
³⁷ dizendo:

«Se és **O REI DOS JUDEUS**,
SALVA-TE A TI MESMO!»

³⁸ E por cima dele havia uma inscrição:

«**ESTE É O REI DOS JUDEUS**».

³⁹ Um dos malfeitores crucificados insultava-o, dizendo:

«Não és Tu o **CRISTO**?
SALVA-TE A TI MESMO e a nós também».

⁴⁰ Mas o outro repreendia-o, dizendo:

«Não temes a **DEUS**, tu que estás condenado à mesma pena?

⁴¹ Quanto a *nós* é justiça, pois recebemos o preço do que *fizemos*;
mas *Ele* não fez nada de mal».

⁴² E disse:

«Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu **REINO!**».

⁴³ Ele disse-lhe:

«Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no **Paraíso**».

Breve comentário

Jesus acabou de ser crucificado. Hora de suprema entrega de Jesus ao Pai mas, ao mesmo tempo, hora da máxima tentação. Nesta hora decisiva o evangelista Lucas retoma, de maneira habilidosa, as três tentações no deserto (cf. 4,1-13). Já então era anunciado o regresso do diabo «para um tempo fixado» (4,13).

Lucas é o único a notar a presença do «povo» que lá estava a ver... Diante de Jesus, três categorias de espectadores terão o papel do tentador, apostrofando-o já não sobre a sua identidade de Filho de Deus, mas sobre a sua missão, sobre a salvação que veio trazer aos homens.

Antes de mais, temos os *chefes do povo*. Troçam de Jesus, escarnecendo o «Cristo de Deus» que Pedro tinha confessado (9,20), o «Eleito» (9,35; cf. Is 42,1) que Deus parecia ter abandonado. Depois

intervêm os *soldados* que, ao verem a inscrição com a causa de condenação, troçam do «rei dos Judeus» reduzido à impotência. *Um dos dois malfeitores* blasfema contra o «Cristo. Que Messias é este que não consegue salvar-se a si mesmo e a eles?

Estas três apóstrofes dirigidas ao crucificado são um convite «salvar-se a si mesmo». Mas a salvação é objecto de graça e acontece apenas do modo com que Deus a realiza, através do salvador que Ele enviou. Este é um momento de contradição: como pode um salvador salvar os outros, se ele mesmo vai morrer?

Da parte de Jesus não há qualquer resposta às provocações e tentações vinda daqueles por quem ele mesmo se está a entregar.

É um dos crucificados a assumir o papel de defensor, reconhecendo a sua própria culpa e fazendo eco da tripla proclamação de inocência já antes pronunciada por Pilatos: «Ele não fez nada de mal» e abrindo o seu coração ao Inocente, chamando-o pelo nome: «Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino!».

Perante esta súplica breve a resposta de Jesus é clara. A oração do condenado é escutada para além de qualquer medida: «Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso». Uma vez mais o Salvador, cujo nascimento foi anunciado para o «Hoje» de todos os tempos e de cada homem, torna-se a salvação para aquele homem num momento culminante da sua vida.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro